



A

# PEDAGOGIA DO MARXISMO

O DESASTROSO MÉTODO EDUCACIONAL  
DE PAULO FREIRE, CRIADO  
PARA FORMAR ATIVISTAS

**JAMES LINDSAY**



A  
PEDAGOGIA  
DO  
MARXISMO

**JAMES LINDSAY**

**A  
PEDAGOGIA  
DO  
MARXISMO**

**O DESASTROSO MÉTODO EDUCACIONAL  
DE PAULO FREIRE, CRIADO  
PARA FORMAR ATIVISTAS**

Tradução  
FÁBIO ALBERTI



# APRESENTAÇÃO

Paulo Freire é um desses personagens que a intelectualidade brasileira julga sagrados e acima de qualquer questionamento. Para esses “intelectuais” (quase todos esquerdistas ou simpatizantes), ele é uma figura mítica, um guru visionário, um líder messiânico que revolucionou a educação brasileira ao trazer a política e a discussão sobre a “opressão” para dentro da sala de aula. Por politizar a educação e por justificar a doutrinação de alunos, Freire foi adotado e idolatrado pela esquerda brasileira e mundial. Não à toa, foi durante um governo de esquerda que Paulo Freire foi declarado “Patrono da Educação Brasileira”.\*

Sinceramente, é questionável o mérito de ser declarado patrono de um dos sistemas educacionais mais falidos do mundo; parece até ofensa. Mas a homenagem reflete bem a incapacidade dos nossos escolarizados urbanos em reconhecer a embromação disfarçada de filosofia, a doutrinação mascarada como educação, a fraude travestida de obra-prima. A obra de Paulo Freire é uma mistura de ensaísmo verborrágico vazio com clichês demagógicos anticapitalistas.

A homenagem só faz sentido se o objetivo for responsabilizá-lo pelo nosso fracasso; aí sim, certamente, Paulo Freire merece lugar de destaque na história da educação nacional. Como influência negativa, ele merece lugar de destaque inclusive na política mundial, pois seu impacto vai além da educação. Como James Lindsay afirma neste livro, Paulo Freire pode ser considerado o “pai do *woke*”, pois sua obra também contribuiu para a radicalização da atual esquerda, que enxerga (ou quer enxergar) “opressão estrutural” em tudo o que vê. Lindsay é um grande estudioso não apenas da pedagogia freiriana, mas

---

\* Lei 12.612/2012. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/12612.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/12612.htm)

também da esquerda contemporânea (como *woke*, marxismo cultural, teorias críticas, entre outros temas\*), e um de seus méritos neste livro é precisamente o de explicar a relação entre Paulo Freire e o progressismo atual.

O leitor certamente já escutou todo tipo de frase pronta elogiosa com que a intelectualidade descreve a obra de Freire: trata-se de pedagogia transformadora, libertadora, problematizadora, participativa, inclusiva etc. Muitos ressaltam o fato de que o seu principal livro (*Pedagogia do Oprimido*) é um dos trabalhos mais citados do mundo na área de ciências sociais. Mas isso diz mais sobre a falência da academia de ciências sociais do que sobre qualquer mérito putativo de Freire. Aliás, este é um dos méritos de se trazer este livro ao público brasileiro: podemos agora verificar, em primeira mão, como as ideias de Freire contribuem para a falência não apenas da educação brasileira, mas também a de outros países, como os Estados Unidos.

Quando se lê a obra de Paulo Freire, qualquer leitor atento percebe que se trata de engodo, e que a pedagogia é o assunto que menos atenção recebe. A “pedagogia do oprimido” não contém nenhuma proposta autenticamente pedagógica para o oprimido; Freire apenas deseja transformar o oprimido em militante, para que ele possa lutar contra a ordem capitalista que teoricamente o oprime.

Paulo Freire não está muito interessado em ensino, ou pelo menos não naquilo que a maioria de nós entende por “ensino”. Todos nós esperamos da escola algo que é razoavelmente simples: que os nossos filhos, que sabem pouco sobre o mundo, possam ir para a escola e aprender bastante sobre várias coisas; e que essa educação seja enriquecedora o suficiente para que eles possam, no futuro, desenvolver a sua vocação, exercer uma profissão e se tornarem membros produtivos e felizes da nossa sociedade. Esse é o básico que qualquer pai e mãe desejam para os seus filhos.

Mas para Freire isso não é suficiente; permitir o desenvolvimento pessoal e cognitivo dos alunos e integrá-los produtivamente à sociedade não são preocupações do mestre dos magos da pedagogia nacional. Para ele, o objetivo da educação não é ensinar, muito menos preparar alguém para participar da lógica exploratória do capital. A educação deve servir à política, e ela somente é válida

---

\* Veja-se o seu livro *Teorias Cínicas*, escrito com Helen Pluckrose e publicado pela Avis Rara em 2021.

se produzir a “conscientização” marxista, se for “libertadora” da propriedade privada e demais amarras do capital, se contribuir para que os “oprimidos” entendam o jogo de forças da sociedade e, assim, possam-se levantar contra a “opressão” estrutural da sociedade capitalista.\*

A verdade é que a obra de Paulo Freire é um programa revolucionário marxista disfarçado de filosofia pedagógica. E ao dar feitiço acadêmico a esse tipo de pedagogia revolucionária, o guru legitima a atuação do professor ativista, que está mais preocupado em formar militantes marxistas que em ensinar o essencial de sua disciplina.

Este livro de James Lindsay é um dos trabalhos mais minuciosos jamais feitos de análise da pedagogia freiriana. Lindsay explica em detalhe por que a teoria de Freire é responsável pela politização da sala de aula, e por submeter os nossos alunos a sessões diárias de lavagem cerebral marxista. O autor ainda interpreta a pedagogia freiriana à luz do atual estágio de radicalização de esquerda, mencionando como ela se relaciona com movimentos e conceitos como *woke*, teoria crítica de raça, teoria *queer*, justiça hermenêutica, ensino culturalmente relevante, educação socioemocional, entre outros.

Se a obra de Paulo Freire contribui não apenas para a destruição da nossa educação, mas também para a radicalização e o autoritarismo da atual esquerda, é fundamental que a entendamos para que possamos diagnosticar a ameaça e assim desenhar a solução adequada. Este livro de James Lindsay é um tratado excepcional sobre a influência perniciosa das ideias do pedagogo brasileiro, e assim pode nos ajudar a entender, debater e redesenhar os rumos da nossa educação.

GUSTAVO MAULTASCH

---

\* Para uma outra excelente crítica à obra de Paulo Freire, veja-se o Thomas Giuliano (org.). (2017). *Desconstruindo Paulo Freire*. Porto Alegre: História Expressa.

## PRÓLOGO

Em decorrência do terrível ataque a tiros na escola primária Robb Elementary School, em Uvalde, no Texas, no dia 24 de maio de 2022, pessoas de todas as partes dos Estados Unidos, tomadas de choque e de horror, ansiavam por respostas e soluções. Poucas coisas apavoram mais do que um tiroteio em uma escola. Assim como poucas coisas dividem tanto opiniões.

Como era de se esperar, essa tragédia culminou em divisões partidárias — isto é, democratas foram enérgicos ao pressionar por maior controle de armas de fogo, enquanto republicanos defendiam a importância e a necessidade da garantia à legítima defesa. Muitos pais — sem dúvida, o grupo mais abalado e ansioso por respostas e soluções viáveis para que os filhos ficassem a salvo nas escolas —, envolveram-se nesse embate.

Numa atitude característica desse tipo de postura política, apenas dois dias depois da tragédia, no dia 26 de maio, a senadora democrata de Rhode Island Tia-ra Mack (“ela/dela”) — que em seu perfil no Twitter se apresenta como uma “educadora *queer*”, “amante de donuts” e “arrecadadora de fundos para aborto”, e que mais tarde ficou conhecida como a famigerada que aparece em um infame vídeo de uma “campanha” para se autopromover que viralizou (nesse vídeo ela se exhibe rebolando de cabeça para baixo usando um biquíni) — tuitou uma fotografia de cem ou duzentas crianças e adolescentes deitadas no chão no Palácio do Governo de Rhode Island, com a seguinte legenda:

Estudantes de algumas escolas de Providence fizeram hoje uma caminhada e se deitaram por 3 minutos do lado de fora do Palácio do Governo de Rhode Island. Será que conseguiremos aprovar uma legislação de controle de armas de fogo sensata nessa sessão em Rhode Island?'

É a típica exploração política, claro, *um tanto baixa* — alguém poderia dizer e em seguida deixar para lá. Mas por trás dessa façanha política oculta-se um importante contexto. Logo depois, também pelo Twitter, Erika Sanzi, coordenadora de divulgação da *Parents Defending Education* (Pais em prol da educação), chamou a atenção para um grande problema na sala de aula, numa resposta pública ao tuíte de Tiara Mack:

Noventa e quatro por cento dos estudantes de Providence não têm pleno domínio de matemática.

Oitenta e seis por cento não conseguem ler e escrever de acordo com a sua série escolar.

Congressistas que nunca falam com orgulho dos resultados obtidos pelos estudantes usam esses mesmos estudantes em horário escolar como peões para defender seus interesses partidários.<sup>2</sup>

Para piorar a cena desse teatro em defesa de interesses partidários promovido por Mack — sem dúvida, organizada e facilitada por professores do mesmo partido —, há uma história de um fracasso acadêmico colossal nas escolas de Providence. Tudo indica que as crianças de Rhode Island não estão aprendendo nada a não ser quando algo impactante acontece, vira notícia, e então é hora de colocar em prática uma encenação de caráter performático para tentar obter dividendos políticos, quase sempre para defender um viés de esquerda.

*O que está acontecendo?* Os pais merecem saber. Nossas crianças não merecem isso. Nossa nação e seu futuro estão em jogo aqui. Existe, na verdade, uma explicação simples. Como dissemos, 94% dos estudantes de Providence têm desempenho ruim em matemática e 86% não conseguem ler e escrever de acordo com a sua série escolar, mas centenas desses estudantes podem ser colocados em uma manifestação política de esquerda no Palácio do Governo de Rhode Island em horário escolar; a principal razão por trás disso logo fica bem clara: o direito à educação foi tirado de nós e de nossas crianças, bem debaixo dos nossos narizes. Essa usurpação da educação tem um propósito; permite que uma falsificação a substitua. O mecanismo e a descrição dessa fraude gigantesca podem ser resumidos numa única frase: *nossos filhos estão indo para as escolas freirianas*.

Fora os brasileiros, em outros países, além dos pedagogos, alguém muito inteirado das batalhas que se desenrolam na guerra cultural, ou, ainda, um feliz



ouvinte dos meus podcasts, é muito provável que muita gente nunca ouviu falar de Paulo Freire e não tem ideia do que sejam as “escolas freirianas”. Bem, precisam saber. Paulo Freire é sem dúvida o nome mais influente na educação em um século, e em consequência disso, como mencionei, *nossos filhos vão para escolas freirianas*. Quase todos eles vão. Nesse guia, eu espero apresentar ao leitor, de modo satisfatório, a teoria da educação de Paulo Freire — que hoje domina tanto as faculdades na América do Norte e também as escolas primárias e secundárias — a fim de ajudá-lo a compreender porque eu logo vi o que estava acontecendo assim que vi os dois tuítes que acabei de mencionar. As escolas em Providence, Rhode Island, são escolas freirianas, e ativistas marxistas que se escondem por trás da fachada de professores e políticos estão se articulando para tirar vantagem do resultado desse fato e montar uma enorme manifestação política usando as crianças de Providence como marionetes felizes e dispostas. E as crianças, por sua vez, estão sendo “conscientizadas” para serem ativistas de causas que interessam às pautas políticas marxistas.

Como você verá, esses estudantes não apenas estão participando do ativismo, conforme exige o modelo de educação de Freire, como também estão aprendendo a “decodificar” as supostas circunstâncias políticas ocultas em um tiroteio numa escola. Em outras palavras, eles estão aprendendo a adotar a postura política dos ativistas disfarçados de professores e representantes de Estado. A tragédia em Uvalde estava sendo falsamente apresentada a eles como uma “codificação” das “verdadeiras” circunstâncias políticas das *suas próprias vidas* nos Estados Unidos e em Rhode Island, em 2022. Eles aprendem a “educação política” freiriana enquanto as suas escolas fracassam quase por completo em sua verdadeira educação. É isso que uma escola freiriana realmente é, mesmo que uma publicidade bonita diga o contrário.

A impressionante adesão à teoria educacional excêntrica de Paulo Freire, que se tornou conhecida como “Pedagogia crítica”, pode não estar *diretamente* relacionada ao aumento dos tiroteios em escolas, às falhas inexplicáveis no cumprimento da lei e a muitas outras tragédias. Contudo, essa adesão pode explicar *quase por completo* o porquê as nossas escolas não conseguem ensinar às nossas crianças habilidades básicas como leitura, escrita e matemática, mas conseguem transformá-las em uma nova classe de ativistas para causas da esquerda — e *somente e explicitamente* causas da esquerda. Esse é o objetivo que a teoria

educacional de Freire pretende alcançar. Os estudantes devem ser “encorajados” a ingressar no ativismo político esquerdista, e outros resultados do desempenho do estudante são definitivamente secundários. A educação é um pretexto; o objetivo é formar um ativista marxista.

A catástrofe da educação freiriana é difícil de ser exagerada. Na verdade, os próprios educadores freirianos deixam isso claro quando tentam salvar o desastroso método do seu próprio fracasso programático. Considere a seguinte descrição do Instituto DVV International (*Deutscher Volkshochschul-Verband*), uma associação alemã de educação de adultos, que tentou estudar a implementação da pedagogia freiriana no contexto nigeriano em 2007.

***Etapa dois: a seleção de palavras do vocabulário descoberto***

A partir dos debates dos estudantes, as “palavras geradoras” escritas pela equipe de facilitadores eram: recursos, dinheiro, abundância, petróleo bruto, roubo, faturar, pedinte, abundância, pobreza, sofrimento, frustração, choro, fome, crise, agonia, morte.

Essas palavras foram mais tarde representadas na forma de imagens que mostravam as realidades e situações concretas das vidas das pessoas. A exibição de imagens provocou um estado emocional de piedade e raiva entre os debatedores, alguns dos quais não podiam falar; a maioria deles chegou às lágrimas perguntando: “Por quê?! Por quê?! Por quê?! Por quê?!”.

***Etapa três: o processo real de treinamento de alfabetização***

Uma vez completada a segunda etapa, para a grande surpresa dos facilitadores, os debatedores não estavam dispostos a participar do processo de treinamento/alfabetização. Estavam abalados demais: furiosos, revoltados, agitados e gritando. Gritavam: “Mudança! Mudança! Mudança!”. Amaldiçoavam furiosos aqueles que tinham, de um modo ou de outro, contribuído para o sofrimento do povo. Conclusão: a aquisição de habilidades básicas de alfabetização não tinha significado algum para eles e, na verdade, era irrelevante. Alguns deles chegaram a perguntar aos facilitadores: “*O que vocês, pessoas instruídas, fizeram para mudar a situação, em vez disso só pioraram quando conseguiram o cargo?*”<sup>3</sup>

O mesmo que aconteceu na Nigéria também acontece em Rhode Island — e em qualquer lugar em que a pedagogia freiriana seja usada para usurpar a educação. A pedagogia freiriana é doutrinação sectária, e os que a fornecem são seus seguidores. Não pode estar errada. É por isso que a conclusão desse artigo, documentando o evidente desastre da abordagem freiriana, recomenda a sua adoção, embora com mais cautela, em programas de alfabetização no futuro. Ela não deve ser abandonada. Por quê? O método não fracassa em seu principal objetivo, independentemente do que faz com aquilo que alegam ser seu objetivo, que não é nada mais além de uma cortina de fumaça. O método promove com muito sucesso e eficiência a conscientização política; disso não resta dúvida.

Para os educadores freirianos, o problema, portanto, é superficial. Ocorre que a conscientização política pode inadvertidamente radicalizar os estudantes de maneira tão incisiva que eles não somente não conseguem aprender a ler — a justificativa alegada para o método, em primeiro lugar — como também não conseguem enxergar qual é o sentido no aprendizado da leitura. O método deve ser mantido, por mais desastroso que seja ou por mais previsível que seja o desastre, mas também deve ser mantida a tentativa de justificativa.

Por mais importantes que sejam as duas etapas iniciais da metodologia de alfabetização freiriana, os facilitadores têm de aplicá-las com cautela nas aulas de alfabetização. Quando a consciência política dos estudantes é despertada, eles podem não ter paciência suficiente para adquirir habilidades de alfabetização, ou nem mesmo ter interesse em adquirir essas habilidades, já que as duas primeiras etapas podem tê-los conscientizado e sensibilizado excessivamente a respeito das realidades das suas vidas. Esta é a principal conclusão do estudo.<sup>4</sup>

Este guia existe para defender, com base nas próprias palavras de Freire, a ideia de que os pesquisadores por trás desse estudo não entenderam o verdadeiro objetivo do método. Aprender a ler (ou obter resultados acadêmicos em qualquer disciplina) sempre foram meras cortinas de fumaça para o verdadeiro objetivo de Freire: despertar a consciência política marxista com o propósito de produzir uma revolução cultural. Considere as três seguintes observações de Freire em seu importante livro de 1985, *Política e educação: cultura, poder e libertação*. A primeira dessas observações é um tanto técnica, mas poderá ser entendida com uma pequena explanação.

**Codificação:** a formação de imagem de um aspecto significativo da situação existencial de um homem em uma favela (exemplo de um contexto no qual esse homem vive). A palavra geradora (“favela”) é inserida nessa codificação (como a matéria educacional apresentada ao estudante). A codificação funciona como o objeto conhecível intermediando os sujeitos cognoscentes — o educador e os alunos — no ato do conhecimento que eles obtêm no diálogo (Freire, 1985, p. 91).

O que precisamos extrair dessa passagem do texto de Freire é um tema que aparece repetidas vezes em seus livros: a lição apresentada pelo educador como um *intermediador de aprendizado*. Não se trata de algo a ser aprendido em si mesmo e por si mesmo; trata-se de algo que facilita o aprendizado nos termos que Freire estabelece. Em outras palavras, uma lição de matemática deixa de ser apenas uma lição de matemática. É um intermediário, um mediador para outro tipo de lição, que para Freire é uma lição *política* (ou seja, *marxista*). A lição de matemática, ou qualquer outra lição, torna-se mero veículo para o diálogo político que para Freire constitui a verdadeira educação.

Do ponto de vista linguístico, se um analfabeto é alguém que não sabe ler nem escrever, um analfabeto político — independentemente do fato de saber ler e escrever — é uma pessoa que tem uma percepção ingênua da humanidade em seus relacionamentos com o mundo e uma perspectiva simplória da realidade social, enxergando-a como imutável; ou seja, como um *fait accompli* (um fato consumado) e não algo que ainda está em construção (Freire, 1985, p. 103).

Para Freire, a alfabetização *política* claramente importa, não apenas o analfabetismo real. De fato, como nós veremos, a verdadeira alfabetização é, na melhor das hipóteses, uma preocupação secundária. Ele acredita nisso porque segundo Karl Marx, cuja teologia ele adotou em sua totalidade, a verdadeira natureza do homem consiste em alcançar o poder para transformar o mundo (numa utopia socialista por meio da crítica implacável do que *existe*), e a sua capacidade de participar desse processo de ativismo político e transformação é o aspecto mais fundamental do seu ser, e seu direito humano essencial.

Como evento que estimula estudantes e educadores a uma reflexão crítica, o processo de alfabetização deve relacionar o ato de dizer a palavra com o de transformar a realidade, e com o papel do homem nessa transformação. Perceber a importância dessa relação é indispensável para aqueles que estão aprendendo a ler e a escrever, se estiverem realmente comprometidos com a libertação. Tal percepção levará os estudantes a reconhecerem um direito muito maior do que o de ser letrado. No final das contas eles reconhecerão que, como homens, têm o direito a ter voz (Freire, 1985, p. 51).

“Por quê?! Por quê?! Por quê?! Por quê?! Mudança! Mudança! Mudança!”, gritavam os “estudantes” nigerianos enquanto se lamentavam, rangiam os dentes de raiva e enérgicos ao rejeitarem as suas aulas de alfabetização depois de receberem a “alfabetização política” e de serem “conscientizados e sensibilizados” a respeito das “realidades das suas vidas”; mas isso não está a meio mundo de distância na África Ocidental, em algum ponto no passado. Não é difícil imaginarmos ouvir o mesmo de um enorme número de crianças e adolescentes analfabetos funcionais, e sem compreensão da matemática, “emocionalmente abaladas” deitadas nos degraus do Palácio do Governo de Rhode Island este ano, aplaudidas e conduzidas por uma esquerdista radical no Senado Estadual. “Por quê?! Por quê?! Por quê?! Por quê?! Mudança! Mudança! Mudança!” O motivo é simples: *Nossos filhos vão para as escolas freirianas*. Falar a favor da mudança é um “direito muito maior do que o de ser letrado”, portanto “adquirir habilidades básicas de alfabetização não fazia nenhum sentido para eles e era na verdade irrelevante”. O resultado é o mesmo porque o processo é o mesmo, e para o propósito a que se destina — mas não para o seu propósito declarado — o processo *funciona*.

Isso precisa parar. Isso jamais deveria ter sido permitido. Não é o que se espera da educação, e não pode ser o que se espera da educação em nenhuma nação que pretenda sobreviver por muito tempo no futuro. Na verdade, isso não é educação de modo algum. É, na verdade, uma *reforma do pensamento*, expressão que Robert Jay Lifton usou como tradução para o termo em mandarim *xǐnǎo* (洗脑), sua tradução literal seria “lavar cérebro”, ou seja, “lavagem cerebral”. Outro termo apropriado em nosso contexto mais contemporâneo seria (seita) *condicionamento*.

Quando chegar ao final deste livro, você certamente compreenderá por que as nossas escolas estão desvalorizando crianças e transformando-as em ativistas, autodestrutivos, ignorantes e muitas vezes paranoicos, de causas que elas nem mesmo entendem. E é provável que concorde comigo — a menos que você também seja esse mesmo tipo de marxista a que me refiro. A influência de Paulo Freire tem de ser identificada e removida de todas as escolas e faculdades da América do Norte e de todo o mundo, o mais rápido possível, para o bem de nossas famílias, nossas nações e, principalmente, de nossos filhos.

JAMES LINDSAY, AGOSTO DE 2022.

# INTRODUÇÃO

## A USURPAÇÃO DA EDUCAÇÃO

---

Grande parte da teoria e da prática da educação (pedagogia) empregada hoje nas escolas da América do Norte deriva diretamente, com certas atualizações e modificações contextuais, do trabalho de um marxista radical brasileiro chamado Paulo Freire. Embora Freire não seja exatamente um nome que todos conhecem nos Estados Unidos, ele é conhecido e considerado uma lenda no campo da educação em *todas* as faculdades de pedagogia da América do Norte. Tão conhecida quanto é a sua abordagem, denominada “pedagogia crítica” ou “teoria da educação crítica”. Nas faculdades de pedagogia da América do Norte, Freire é de fato reverenciado e seu trabalho é considerado praticamente sagrado. Exerce, em consequência disso, uma incrível influência, principalmente nas faculdades de pedagogia da América do Norte, e, em virtude disso, Paulo Freire é apontado como o terceiro autor acadêmico mais citado nas áreas de ciências humanas e sociais segundo parâmetros confiáveis. Não é nenhum exagero afirmar que ele está no centro teórico de tudo o que acontece nas faculdades de pedagogia hoje em dia, e em seguida nas escolas dos nossos países. As consequências da influência de Freire sobre a educação podem ser expressadas de maneira breve com a seguinte frase: *nossas crianças vão para escolas freirianas*.

O significado disso é simplesmente *a usurpação da educação* — nada mais, nada menos. Resta algo que parece ser educação, mas não é mais. É lavagem cerebral política para que se veja o mundo “do ponto de vista do oprimido”. Essa transformação da educação é tão central nas teses de Paulo Freire que a sua obra mais importante traz já no título a descrição dela: é a *Pedagogia do oprimido*, na qual educadores e alunos juntos são instruídos a “morrer e ressuscitar” ao lado dos oprimidos e a “crer”

na “luta permanente”. Estudantes são transformados em iniciados que não aprendem praticamente nada além de duas coisas: (1) enxergar o mundo do “ponto de vista do oprimido”, e (2) denunciar as “condições desumanas” do mundo vistas a partir dessa perspectiva, anunciando ao mesmo tempo a possibilidade de algo “melhor” (leia-se: algo mais socialista, equitativo e socialmente justo).

O mecanismo para essa usurpação da educação foi objetivo e geracional: conquistar e transformar as faculdades de pedagogia; moldar uma geração de professores; programar depois cada geração de estudantes. Antes de 1995, as faculdades de pedagogia já estavam quase inteiramente dominadas pela abordagem freiriana, e no quarto de século que se seguiu houve uma rotatividade de professores suficiente para refazer substancialmente as nossas escolas e, portanto, a própria educação. As crianças ainda vão à escola, mas a escola não é mais escola. Os professores foram substituídos por ativistas, e a educação foi transformada em “conscientização”, o processo de enxergar o mundo a partir do que se denomina ponto de vista do oprimido.

Muitos dos principais acontecimentos aparentemente inconstantes, mas largamente dominantes na educação nos dias de hoje, têm raízes que remontam total ou parcialmente a Paulo Freire. Esses acontecimentos incluem especialmente o péssimo desempenho na obtenção de habilidades dentro da média na maioria das matérias, na maioria das aulas e na maioria das escolas, ênfases curriculares inapropriadas, desenfreada coleta de dados de crianças por meio de incessantes pesquisas e avaliações (embora essas últimas sirvam também a outros propósitos), ensino culturalmente relevante (e receptivo), “descolonização” do currículo, aprendizagem baseada em projetos liderados por estudantes e aprendizagem socioemocional (ASE), em especial a aprendizagem socioemocional “transformadora”. Outros programas, como a educação sexual abrangente — que traz a prática abominável da *hora da história drag queen*, na qual *drag queens* (homens adultos vestidos como mulheres hipersexualizadas como se fossem palhaços) realizam performances de *drag* para crianças enquanto leem para elas em bibliotecas de escolas e salas de aula — inserem-se no método “gerador” freiriano. É graças a essa abordagem metodológica que podem fazer o que fazem e conseguem justificar a sua inclusão na educação de crianças (pequenas).

Algumas dessas tendências são consequência direta e prevista da pedagogia freiriana. Entre outras coisas, elas buscam centrar-se em questões sociais



empregando teorias extensivamente marxistas, como a teoria crítica de raça, a sala de aula “democrática” (ou seja, ingovernável) e a transformação de crianças em ativistas “com consciência crítica” e “agentes da mudança”. Essas são, desde o início, as razões que levaram ao desenvolvimento da pedagogia freiriana.

Outras tendências são resultado indireto mas *não necessariamente acidental* da aplicação da pedagogia de Freire. Por exemplo, a abordagem de Freire não busca causar *diretamente* o desempenho fraco generalizado que facilmente se observa entre estudantes de praticamente todas as séries, em praticamente todas as habilidades acadêmicas básicas (leitura, escrita, matemática, conhecimento científico, conhecimento histórico e educação cívica particularmente), mas contribui de modo significativo para esse desempenho ruim. Parte desse fracasso provavelmente não é intencional. Freire alega que o seu programa está voltado para a alfabetização, e ainda assim esse resultado tão ruim é aceitável em seu método. Isso ocorre porque o método de Freire falha na área da educação, não prioriza a sala de aula e o propósito educacional, e afasta os estudantes dos objetivos de aprendizado acadêmico para aproximá-los do ativismo político. Por outro lado, em parte esse resultado provavelmente é intencional, já que Freire acusa todos os outros modelos de educação de conduzir à reprodução da sociedade que ele quer ver destruída na revolução cultural. Em outras palavras, Freire não quer uma educação que ensine as pessoas a terem sucesso numa sociedade que ele quer ver demolida.

Restam ainda outras tendências, como o ensino culturalmente relevante, que são pouco mais que a pedagogia freiriana reembalada de modo evidente e barato num domínio identitário-político mais contemporâneo (ou “desconstruído”). Existem ainda outras que se baseiam ou são consequências diretas da pedagogia de Freire quando esta é colocada em prática, incluindo até a aprendizagem socioemocional, que de resto tem uma genealogia pedagógica distinta (ou duas), mas tem sido explicitamente freiriana em sua abordagem há uma década pelo menos, se não remonta ao seu estabelecimento formal pela “educação infantil como um todo”, em 1994. Também há tendências, como a educação sexual abrangente, que não têm *raízes* óbvias no trabalho de Freire, mas se infiltram na vida escolar e trabalham em prol de suas pautas usando especificamente o sistema de Freire (algumas outras, como a atenção dada à prática da “mediação docente” na educação, não são creditadas à pedagogia de Freire. A mediação

docente é proveniente mais ou menos diretamente das ideias de outro nome controverso e influente na educação, Lev Vygotsky, e sua vaga noção de zona de desenvolvimento proximal (ZDP). Contudo essa ideia, a ZDP, contribuiu para o ambiente de aprendizagem baseada em projetos e modelos de aprendizagem entre pares, aos quais as “salas de aula democráticas” oriundas de Freire são associadas com eficiência nesses domínios).

Compreender a catástrofe que está em andamento em nossas escolas atualmente — tanto nas públicas como nas privadas — é, portanto, questão de compreender Paulo Freire e seu trabalho. A abordagem de Freire permitiu que comunistas da Grande Marcha usurpassem a nossa educação. Embora não seja necessária uma biografia completa de Freire, é preciso esclarecer alguns fatos de seu pensamento e abordagem.

## PAULO FREIRE E A TRANSFORMAÇÃO DA EDUCAÇÃO

---

Paulo Freire não foi meramente um educador. Ele foi um pós-colonialista radical e um marxista. É preciso também compreendê-lo como uma figura religiosa, especificamente um teólogo da libertação, ou pelo menos um devoto da teologia da libertação, que podemos descrever como marxismo disfarçado de catolicismo. Os registros religiosos na pedagogia de Freire — na teologia do marxismo — não são meramente casuais nem secundários. Eles são absolutamente fundamentais para o seu trabalho, que, portanto, deve ser reconhecido como uma forma explícita e intencional de ensino religioso. Na realidade, seria melhor considerar que Paulo Freire foi o principal divulgador da teologia e da prática do marxismo na última metade do século xx. No final das contas, o mais simples resumo do extenso conjunto da obra de Paulo Freire é que ele *marxificou* a educação, transformando-a em um tipo de ensino religioso que o nosso estado atualmente respalda, financia, apoia, promove e demanda.

Dizer que Freire “marxificou” a educação não é dizer que ele injetou ideias marxistas nela, e também não é dizer que ele a adaptou para que servisse à doutrinação marxista, como nós geralmente a compreendemos. Freire transformou a própria teoria da educação (pedagogia) numa teoria da pedagogia marxista. Ele mudou até o significado do que é ser educado (ou letrado) da mesma maneira.

Freire criou uma teoria marxista do *conhecimento* que permeia toda a sua teoria da educação, e construiu uma práxis marxista de reforma do pensamento em torno dela. Esse é o seu legado.

Suas escolas — as quais praticamente todas as nossas crianças na América do Norte frequentam, ao menos até certo ponto —, portanto, tratam a educação como um marxista a trataria se *o conhecimento propriamente dito* fosse entendido como um tipo de capital cultural que Marx, se visse isso dessa maneira, aboliria. Em minha opinião, é principalmente por esse motivo que as escolas norte-americanas têm fracassado tão completamente em ensinar as crianças a ler, escrever e fazer cálculos matemáticos, entender História e educação cívica, e tornarem-se cientificamente instruídas, mesmo no nível da série em que estão, apesar dos substanciais e cada vez maiores recursos (públicos ou outros) que são destinados à tarefa da educação. A finalidade do que as escolas freirianas consideram “educação” não poderia estar *mais distante* disso — na realidade, a sua finalidade é transformar nossos filhos em marxistas.

Nos Estados Unidos como um todo, o fracasso no desempenho escolar, particularmente nas escolas públicas, é absolutamente condenável, até mesmo por padrões internacionais que são um tanto torpes. Embora isso varie de acordo com a disciplina, série e o estado, nas escolas públicas norte-americanas em geral, menos de um terço dos estudantes têm desempenho dentro da média. O analfabetismo e a incapacidade em matemática são cada vez mais a norma (e não a exceção), a ser enfrentada com demandas crescentes por programas, dinheiro e “igualdade”, outra finalidade marxista. Nada disso funcionará enquanto a pedagogia de Freire estiver instalada no cerne da educação. Seria mais proveitoso colocar fogo no dinheiro (ou deixar que as pessoas fiquem com ele).

Enquanto isso, as salas de aula ficam cada vez mais fora de controle graças a tendências relacionadas (marxistas), como a “justiça restaurativa”, e estudantes vão sendo pouco a pouco afastados do processo escolar e do conteúdo acadêmico em suas escolas. Esse exorbitante fracasso está acontecendo num cenário de padrões e avaliações aparentemente muito rigorosos (todos os estudantes são bem-sucedidos, núcleo comum etc.), envolvimento excessivo e doações de fundações<sup>5</sup> e ONGs<sup>6</sup> agora suspeitas, e rios de dinheiro federal e estadual adicional despejados nas escolas — muitas vezes destinado de maneira ilegítima, até mesmo por meio da Lei CARES, que destinava recursos de assistência na pandemia

de coronavírus. Muitos fatores contribuíram para o fracasso da educação nesse aspecto, mas pouco se fala diretamente a respeito do enorme impacto das ideias desastrosas de Paulo Freire, as quais não podem levar ao sucesso acadêmico, por mais dinheiro que seja desperdiçado para impulsioná-las. Na realidade, razões não faltam para acreditarmos que quanto mais essas abordagens forem financiadas, *piores* serão os resultados.

## O GRANDE GOLPE DA EDUCAÇÃO NORTE-AMERICANA

---

Por esse motivo, a pedagogia crítica de Paulo Freire é um abjeto *fracasso antieducacional*, que deveria ser extirpado tanto do nosso ambiente de educação primária e secundária quanto das faculdades de pedagogia o mais rápido e mais completamente possível. Na verdade, ela jamais deveria ter sido adotada, e as pessoas que se encarregaram de colocá-la em prática deveriam ser responsabilizadas pelos danos inacreditáveis que ela causou em *quarenta anos* de interferência. Essas ideias eram terríveis e infundadas já quando foram escritas nos anos 1960 e quando foram aceitas na América do Norte nos anos 1980, e não tiveram nem uma gota de aprimoramento nas décadas que se seguiram. A sua adoção e inclusão, primeiro nas faculdades de pedagogia norte-americanas, depois nas escolas primárias e secundárias, deve ser considerada um dos maiores escândalos acadêmicos na História mundial. Sem dúvida, a usurpação “crítica” da educação deve ser considerada nada menos que um crime contra a humanidade.

Freire não cita nem faz referência a praticamente *nenhuma* autoridade educacional, mas baseia seu trabalho em indivíduos como Karl Marx, Vladimir Lenin, Che Guevara, Fidel Castro, Rosa Luxemburgo, Ivan Illich, Dom Hélder Câmara, Herbert Marcuse, Erich Fromm e Georg Wilhelm Friedrich Hegel; só esse fato já deveria ter sido inadmissível o suficiente para que a adoção em larga escala do seu trabalho fosse evitada. Em vez disso, seu trabalho foi usado como prova da necessidade de uma reestruturação radical de toda a teoria e prática educacional. (Por acaso, ou talvez ironicamente, os simpatizantes do marxismo reformadores do ensino no movimento de “reforma social”, que precedeu a pedagogia crítica — Dewey, Counts, Vygotsky — podem ser responsáveis por grande parte da aparente necessidade de reformular uma metodologia educacional

falha.) As dimensões do escândalo e do que ele roubou das nossas sociedades são tão inacreditáveis que chega a ser difícil relatá-las.

No entanto, graças aos contínuos esforços (“práxis”) dos educadores marxistas críticos, sobretudo do discípulo e divulgador de Freire, Henry Giroux — um comunista declarado —, o trabalho de Freire acabou sendo acolhido no coração do cânone educacional acadêmico norte-americano. Esse acontecimento se deve, em grande parte, ao incansável trabalho de Giroux e de outros pedagogos críticos nos anos 1970 e 1980. Todavia, deve ser atribuída a ele a maior parte da culpa por essa abominável façanha, já que ele se empenhou pessoalmente durante a primeira metade da década de 1980 para que pelo menos cem marxistas críticos fossem contratados como professores em faculdades de pedagogia. Dessa maneira, quando o livro de Paulo Freire, *Política e educação*, de 1985, irrompeu no cenário norte-americano depois de obter uma crítica favorável na *Harvard Educational Review* no mesmo ano, estava estendida a pista da pedagogia crítica e o avião que carregava esse modelo educacional fracassado poderia pousar no meio educacional norte-americano.

A práxis de Giroux foi por sua vez facilitada pelo incansável trabalho de incontáveis marxistas críticos, entre eles muitos membros antigos da organização terrorista radical conhecida como *Weather Underground*. Esses “radicais dos anos 1960”, após os fracassos das revoluções neomarxistas do final da década de 1960, afastaram-se do ativismo radical direto e enveredaram pelo ativismo voltado para a educação infantil e para as universidades, sobretudo as faculdades de pedagogia. O pedagogo crítico Isaac Gottesman (2016, p. 1), da Universidade Estadual de Iowa, documenta essa guinada no parágrafo de abertura do seu livro *The Critical Turn in Education*, que narra a pedagogia do marxismo *woke* da educação desde os anos 1970 até os dias atuais.

Para a pergunta: ‘Para onde foram todos os radicais dos anos sessenta?’, a resposta mais precisa, observou Paul Buhle (1991) em seu clássico *Marxism in the United States*, “seria: nem para os cultos religiosos nem prosperaram em carreiras bem pagas, mas para a sala de aula” (p. 263). Depois da queda da Nova Esquerda, surgiu uma nova esquerda, uma Esquerda Acadêmica. Para muitos desses jovens acadêmicos o pensamento marxista, e particularmente o que alguns chamavam de “marxismo ocidental” ou “neomarxismo” (e que eu chamarei de tradição

marxista crítica), foi uma âncora intelectual. Quando os participantes das políticas radicais dos anos sessenta entraram na faculdade, conquistaram cargos acadêmicos e passaram a publicar, a guinada crítica começou a mudar o mundo acadêmico por meio das humanidades e das ciências sociais. O campo da educação não foi exceção.

Essa transferência das ruas para as salas de aula aconteceu seguindo pelo menos em parte o conselho estratégico de Herbert Marcuse (1972, p. 55), o mais importante marxista crítico dos anos 1960 e 1970. Ele sinalizou que esse era o caminho mais proveitoso para que se alcançasse uma eventual revolução por meio da “longa marcha através das instituições” em seu desesperado livro *Counter-revolution and Revolt*. Ele explica a questão da seguinte maneira:

Para ampliar a base do movimento estudantil, Rudi Dutschke propôs a estratégia da grande marcha pelas instituições: trabalhar contra as instituições estabelecidas enquanto se trabalha dentro delas; mas não apenas “marcando presença”, e sim “colocando a mão na massa”, aprendendo a programar computadores, a ensinar em todos os níveis de educação, a usar os meios de comunicação de massa, a organizar a produção, a reconhecer e evitar a obsolescência programada, a planejar etc., e preservando ao mesmo tempo a própria consciência ao trabalhar com os outros.

Essa infiltração na esfera educacional — *em todos os níveis* — segundo Marcuse, deveria acontecer paralelamente ao estabelecimento de uma mídia esquerdista, portanto esses objetivos dependem bastante de uma transformação na educação. Ele é bem explícito ao mencionar esse plano.

Destaquei o papel central que as universidades desempenham no presente período: elas ainda podem funcionar como instituições para o treinamento de contrafuncionários. A “reestruturação” necessária para que esse objetivo seja alcançado significa mais do que firme participação estudantil e aprendizado não autoritário. Tornar a universidade “relevante” para o hoje e o amanhã significa, em vez disso, apresentar os fatos e forças que fazem da civilização o que ela é hoje e o que ela pode ser amanhã — e isso é educação política. Porque a

História, de fato, se repete; é essa repetição da dominação e da submissão que deve ser detida, e detê-la implica conhecer a sua gênese e as maneiras pelas quais ela é reproduzida: pensamento crítico (Marcuse, 1972, p. 56).

Em seu livro *Política e educação*, Freire dedica um capítulo inteiro ao “processo de alfabetização política”, que ele identifica como o objetivo principal da educação. Desse modo, muito do seu trabalho pode ser compreendido como uma corrente profunda dentro desse curso de pensamento e ativismo neomarxista: um projeto para assumir o controle de *tudo* de dentro para fora, uma vez dentro, “colocar a mão na massa” conferindo consciência ao novo papel. Ou seja: segundo dois professores de estudo de gênero da Universidade do Arizona, Breanne Fahs e Michael Karger, a educação deveria ser transformada num veículo para replicação “viral” da ideologia, que assim poderia “infectar” outros domínios da vida saindo para o mundo junto com os estudantes reprogramados. Ou seja, assim como os vírus sequestram e roubam o organismo de uma célula para produzir mais vírus, essa visão sequestra e rouba a educação para criar ativistas e ideólogos que penetrarão no mundo profissional para infectar disciplinas, instituições e indústrias com marxismo.

A educação para Marcuse, bem como para Freire, deve ser educação política. Portanto a educação pode ensinar os alunos a reproduzirem o sistema vigente ou ensiná-los a se tornarem “agentes da mudança” para “libertar” a humanidade dele. Nesse aspecto, Paulo Freire é uma das mais importantes ligações entre as cinzas moribundas do marxismo crítico em meados do século XX e a revolução marxista *woke* que tomou conta do mundo na segunda e na terceira décadas do século XXI. Ele é o grande renovador da fé no marxismo.

É nesse sentido — de que a educação pode reproduzir o sistema atual ou então criar as condições para o seu fim na revolução (marxista) — que Freire “marxificou” a educação, pelo menos superficialmente. Esse truque sujo divide a educação em duas, imediatamente. A educação existente é classificada como falsa, ideológica e até machista (ou intolerante), e o programa de educação marxista passa a ser a única possibilidade de liberdade. Essa falsa escolha moralista é a base para toda a fraude educacional freiriana que se segue e permite que a educação seja impiedosamente usurpada dos seus principais beneficiários e interessados: a sociedade, os pais e os nossos filhos.

Nos capítulos seguintes, nós investigaremos Paulo Freire mais a fundo, saberemos como ele marxificou a educação e o que isso significa. Depois disso, nós dedicaremos vários capítulos aos principais programas operacionais contidos na educação freiriana. No final deste livro, a reforma freiriana do pensamento ficará bem clara para qualquer um que examine os contextos educacionais norte-americanos, e será entendida como a manipulação marxista (de nossas crianças) que ela é.